REVISTA CÍRCULO PIAGA

Nº8- Agosto/2026

Pais, acolhei e inspirai

REVISTA CÍRCULO PIAGA

Direção Geral, Edição e Diagramação: Dom Rafael Nolêto
Textos desta edição: Dom Rafael Nolêto
Capa: Composição retratando a paternidade genética (pai de sangue), espiritual (sacerdote) e divina (Piaga Alado como guia regente).
Esta publicação é uma iniciativa da Associação Círculo Piaga, com o selo editorial da Biblioteca da Vila Pagã.
Contato: rafaellugh@gmail.com
Jornalista Responsável: Rafael Nolêto (DRT 1836 PI)

Sumário

03. Editorial.
04. Do barro à impressão 3D.
07. A paternidade do sacerdócio.
12. O que um pai deixa para um filho?
15. Folclore é conhecimento que vem do povo.
17. Soldado 33: entre memória, proteção e mistério.
19. Mani: da Terra nasce a Vida.

Realização:

TRADIÇÃO, NATUREZA, FÉ E MAGIA
VILA PAGÃ

BIBLIOTECA DA VILA PAGÃ

DEVOTIO, NEXUS ET ACTIO

Editorial

Salve Nobres almas!

Agosto nos convida a olhar para aquilo que recebemos e para aquilo que deixaremos depois de nós. Há heranças que cabem em documentos e propriedades, mas outras atravessam gerações sem registro: um exemplo, uma história, uma oração, um gesto de cuidado, um conhecimento transmitido. É sobre essas continuidades que construímos a oitava edição da Revista Círculo Piaga.

A **paternidade** ocupa lugar especial nestas páginas. Refletimos sobre aquilo que um pai deixa para um filho e sobre a paternidade exercida no sacerdócio. No caminho piaga, consagrados tornam-se irmãos, enquanto aqueles que orientam e consagram podem assumir funções de pais e mães espirituais, com responsabilidade, limites e respeito à autonomia. Ser pai não é possuir nem controlar, mas acolher, orientar e inspirar.

Em **Do barro à impressão 3D**, acompanhamos uma nova etapa na representação das divindades nacionais. Das pinturas às esculturas de argila e às atuais estatuetas impressas em 3D e pintadas à mão, mudam as ferramentas, mas permanece a missão de preservar narrativas e fortalecer a devoção.

Agosto celebra ainda o **Folclore**, e reafirmamos algo fundamental: folclore não é conhecimento menor, é saber que vem do povo, pesquisado com seriedade, reunindo narrativas, cantos, costumes, crenças, festas e memórias. O problema não está na palavra, mas no uso pejorativo que se faz dela para diminuir a cultura ou a religião de alguém.

Mani nos leva novamente à terra e à mandioca, lembrando que alimento, mito e comunidade podem nascer da mesma raiz. E, no mês do **Dia do Soldado**, apresentamos O Livro do Soldado 33, obra que reúne pesquisa, memória, rezas, patuás e experiências espirituais de muitos anos.

A Revista Círculo Piaga integra um trabalho de pesquisa, preservação cultural e fortalecimento do Paganismo Brasileiro. Quem desejar colaborar pode contribuir pela chave Pix: rafaelugh@gmail.com.

Cada apoio ajuda a manter publicações, pesquisas e atividades da Vila Pagã.

Que esta edição nos recorde que nenhuma tradição permanece viva apenas porque veio do passado. A tradição continua quando alguém decide recebê-la, compreendê-la e transmiti-la. Que saibamos honrar aqueles que nos ensinaram e tornar-nos boas referências para os que ainda virão.

Dom Rafael Nolêto

Sacerdote Piaga

Do barro à impressão 3D

Como o Círculo Piaga transforma antigas narrativas brasileiras em imagens para a devoção contemporânea.

Representar uma divindade é mais do que dar forma a um personagem. Quando uma comunidade religiosa produz a imagem de uma entidade presente em suas narrativas sagradas, ela estabelece uma ponte entre memória, imaginação, território e experiência religiosa. No Paganismo Brasileiro, esse processo ganha uma importância particular, porque muitas das divindades, encantados e personagens míticos nacionais chegaram até nós principalmente pela tradição oral, pelo folclore e pelas memórias preservadas nas comunidades, nem sempre acompanhados por uma iconografia consolidada.

Desde seus primeiros anos, uma das preocupações do Círculo Piaga tem sido justamente contribuir para que essas narrativas não permaneçam apenas registradas em páginas de livros ou guardadas na lembrança daqueles que ainda as conhecem. Preservar também significa narrar novamente, ensinar, representar e permitir que cada geração estabeleça novas formas de contato com esse patrimônio.

Por isso, a construção de uma iconografia própria para as divindades e seres míticos relacionados ao Paganismo Brasileiro tornou-se, progressivamente, parte desse trabalho. Inicialmente, muitas dessas representações surgiram através da pintura e da ilustração. Era necessário imaginar rostos, gestos, cores, símbolos e elementos capazes de comunicar visualmente histórias conhecidas sobretudo pela palavra.

Esse processo teve o propósito de oferecer referências visuais a partir das narrativas existentes, dos elementos associados a cada personagem e da interpretação religiosa construída dentro do próprio contexto piaga.

Com o tempo, essas figuras saíram do plano das pinturas e ganharam volume. Surgiram as primeiras esculturas totêmicas produzidas artesanalmente em argila, inicialmente sem queima. A escolha das formas totêmicas também não aconteceu por acaso. O objetivo foi desenvolver uma linguagem própria, simplificada e simbólica, em que cada figura pudesse ser reconhecida pelos seus atributos fundamentais. O totem não reproduz realisticamente cada detalhe de um corpo; ele concentra sinais, símbolos e identidades. A própria técnica foi evoluindo. A argila não queimada, apesar de seu valor, tinha limitações naturais de conservação.

Posteriormente, as peças passaram pelo processo de queima, tornando-se mais resistentes e permitindo que essas pequenas imagens permanecessem por mais tempo nos altares, templos e espaços devocionais. O barro, tão profundamente relacionado à experiência humana e às próprias narrativas de criação encontradas em diferentes povos, tornou-se também matéria para representar os deuses e encantados brasileiros.

Entre julho e agosto de 2026, o Círculo Piaga iniciou uma nova etapa nessa caminhada. Passamos a experimentar a produção de estatuetas com auxílio da impressão 3D, posteriormente trabalhadas e pintadas manualmente. À primeira vista, alguém poderia imaginar que o ingresso de uma tecnologia contemporânea nesse processo diminuiria o caráter artesanal ou religioso dessas representações.

A experiência, entretanto, aponta justamente para outra direção. A tecnologia é uma ferramenta. Assim como um escultor utiliza cinzéis, moldes, fornos ou pincéis, a impressão tridimensional oferece novas possibilidades para transformar ideias em matéria. A máquina participa do processo produtivo, mas não substitui a pesquisa, a elaboração simbólica, a escolha dos atributos, o trabalho artístico, a pintura manual e, principalmente, a relação religiosa construída entre uma comunidade e aquilo que aquela imagem representa. Uma imagem devocional não se torna sagrada simplesmente pela matéria da qual foi produzida. Pedra, madeira, barro, metal, tinta ou filamento plástico são matérias-primas. O significado nasce da relação entre símbolo, narrativa e comunidade. O objeto torna-se uma referência material através da qual histórias são lembradas, nomes são pronunciados e relações religiosas podem ser estabelecidas. Nesse sentido, uma estatueta criada por impressão 3D pode cumprir uma função semelhante à desempenhada, em outros momentos históricos, pelas esculturas modeladas à mão, pelas gravuras impressas ou pelas pinturas reproduzidas em série.

Durante muito tempo, quem desejasse possuir uma representação de divindades nacionais simplesmente não encontraria nada disponível.

Personagens importantes das narrativas brasileiras permanecem praticamente invisíveis no mercado religioso e até mesmo nos espaços culturais. Quando suas imagens passam a existir materialmente e podem chegar aos altares domésticos, às bibliotecas, às escolas ou aos espaços de estudo, essas histórias também ganham novas possibilidades de circulação.

Produzir uma imagem de Anhangá, Ticê, Guaraci, Jaci ou de outros personagens presentes nas tradições brasileiras significa afirmar que esses nomes possuem uma história digna de ser conhecida. Significa também oferecer às novas gerações uma oportunidade de estabelecer contato visual com narrativas que poderiam parecer distantes quando permanecem exclusivamente no campo textual.

Esse trabalho exige, naturalmente, responsabilidade, pois reconstruir iconografias significa fazer escolhas. É necessário distinguir aquilo que se encontra documentado nas narrativas tradicionais daquilo que constitui interpretação artística ou teológica contemporânea. Uma representação produzida hoje não deve ser apresentada como se fosse uma estátua ancestral encontrada intacta no passado. Ela é uma criação atual inspirada por narrativas antigas ou tradicionais. Reconhecer essa diferença não diminui seu valor; pelo contrário, torna o processo mais transparente e intelectualmente responsável.

A história das religiões demonstra que as tradições sempre dialogaram com as tecnologias disponíveis em cada época. Houve um tempo em que esculpir pedra representava uma enorme inovação técnica. Depois vieram novas ligas metálicas, novas técnicas cerâmicas, a imprensa, a fotografia, a reprodução industrial e inúmeros outros recursos. O sagrado não deixou de existir porque os instrumentos mudaram.

No Círculo Piaga, entendemos que preservar uma tradição não significa congelá-la. Uma tradição permanece viva quando consegue transmitir sua memória utilizando as linguagens do seu próprio tempo sem perder aquilo que lhe dá identidade. Hoje, uma máquina de impressão 3D pode trabalhar ao lado das mãos de um artista; o desenho digital pode encontrar a pintura manual; o conhecimento ancestral pode dialogar com uma tecnologia criada séculos depois.

Entre o barro que moldamos ontem e o filamento que imprimimos hoje permanece a mesma intenção: dar visibilidade às narrativas brasileiras, preservar seus personagens e proporcionar novas possibilidades de encontro entre as pessoas e as figuras que fazem parte de nossa memória cultural e religiosa. Enquanto houver alguém disposto a contar novamente essas histórias, pronunciando seus nomes e dando-lhes novas formas, elas continuarão vivas.

A PATERNIDADE DO SACERDÓCIO

No caminho piaga, consagrar alguém também significa assumir responsabilidade, cuidado e presença.

Em muitas tradições religiosas contemporâneas tornou-se comum ouvir líderes afirmarem, com certa ênfase, que não são pais nem mães de seus membros. Há razões compreensíveis para esse cuidado. Uma liderança espiritual não deve substituir a família biológica, exigir dependência emocional, controlar a vida privada de alguém ou reivindicar sobre seus discípulos uma autoridade sem limites. Toda relação sacerdotal saudável precisa reconhecer fronteiras. Contudo, reconhecer limites não significa esvaziar os vínculos. No contexto piaga, fazemos justamente uma escolha diferente: entendemos que a formação espiritual pode, sim, produzir relações familiares profundas e que aquele que acompanha alguém durante sua consagração assume responsabilidades que se aproximam simbolicamente das funções de um pai ou de uma mãe.

Ser pai é participar de um processo de formação, oferecer referências, transmitir experiências, ajudar alguém a compreender o mundo, corrigir quando necessário, proteger quando possível e, sobretudo, preparar aquela pessoa para que um dia consiga caminhar com seus próprios passos. Talvez seja justamente nesse aspecto que a paternidade natural mais se aproxima da paternidade espiritual. Quem auxilia outra pessoa a nascer para uma nova compreensão de si mesma, de sua comunidade e de sua relação com os deuses participa também de um processo de geração.

Quando alguém chega ao Círculo Piaga, não chega pronto. Chega trazendo sua história, suas experiências religiosas anteriores, suas dúvidas, talentos, defeitos, medos e expectativas. Aos poucos conhece nossos ritos, aprende nossos símbolos, compreende as linhas espirituais, participa das celebrações e descobre que fazer parte de uma tradição significa muito mais do que simplesmente concordar com determinadas ideias. É necessário aprender a conviver e é precisamente aí que começa a surgir uma família.

Os consagrados tornam-se irmãos porque passaram a compartilhar algo que também pode ser profundamente estruturante na vida de uma pessoa: uma história espiritual comum. Celebraram juntos, enfrentaram dificuldades da comunidade, participaram das mesmas festas e preservaram os mesmos símbolos. Essas experiências criam memórias compartilhadas. E toda família, no fundo, é também uma comunidade de memória.

No Piaganismo, gostamos de dizer que a consagração não cria simplesmente um título. Ela cria pertencimento. A partir daquele momento, aquela pessoa passa a integrar uma rede de responsabilidades recíprocas. Os outros consagrados tornam-se seus irmãos e irmãs de caminho.

E aqueles que participaram diretamente de sua formação e consagração passam a ocupar uma posição que não considero inadequado chamar de paternidade ou maternidade espiritual. Naturalmente, precisamos compreender corretamente esses termos.

Um pai espiritual não é proprietário de seu filho espiritual. Uma mãe espiritual não possui domínio sobre a consciência de quem ajudou a formar. Nenhum sacerdote deve transformar afeto em instrumento de controle, exigir obediência cega ou utilizar a linguagem familiar para produzir dependência. Paternidade sem limites pode degenerar em paternalismo; cuidado sem respeito pela autonomia pode transformar-se em tutela. O verdadeiro objetivo de quem forma alguém espiritualmente deveria ser exatamente o contrário: ajudar aquela pessoa a alcançar maturidade suficiente para que consiga pensar, escolher, servir e assumir responsabilidades por vontade própria.

Um bom pai deseja que seu filho cresça e esse princípio parece óbvio na família natural, mas nem sempre é igualmente compreendido nas comunidades religiosas.

Há lideranças que se sentem ameaçadas quando seus membros desenvolvem conhecimentos, capacidades ou reconhecimento próprios. O pai que precisa diminuir o filho para permanecer grande esqueceu a própria função. O mestre que precisa conservar eternamente o discípulo em posição de inferioridade não o formou; apenas o tornou dependente.

Os mitos politeístas oferecem imagens interessantes dessa tensão entre geração, autoridade e autonomia. Cronos tenta impedir que seus descendentes ocupem seu lugar e termina justamente produzindo a revolta que desejava evitar.

Zeus, apesar de todas as contradições de sua personalidade mítica, estabelece outra ordem: seus filhos tornam-se deuses com identidades, atribuições e poderes próprios. Atena não precisa tornar-se uma cópia do pai para permanecer próxima dele. Apolo possui seu domínio, Ártemis o seu, Hermes descobre sua própria função, Dioniso estabelece seus mistérios e Héracles percorre uma trajetória que ninguém poderia realizar em seu lugar.

A paternidade, nesses relatos, frequentemente se encontra diante do mesmo problema humano: **como proteger alguém sem impedir que ele se torne aquilo que deve ser?**

A paternidade sacerdotal enfrenta precisamente esse desafio. Quem consagra alguém ao caminho piaga precisa **ensinar, orientar e algumas vezes corrigir**.

Precisa dizer não, alertar, apontar comportamentos que prejudicam a comunidade ou o próprio indivíduo. Mas também precisa aprender quando deixar que aquela pessoa experimente, erre, descubra e amadureça. Nem todo erro exige condenação e algumas quedas são professoras mais eficientes do que longos discursos.

Há ainda algo particularmente importante nesse vínculo: a permanência do afeto diante das dificuldades. Quando tudo está bem, é relativamente fácil exercer liderança. É agradável acompanhar aquele membro dedicado, participativo, disciplinado e disponível. Mas a verdadeira medida do cuidado aparece quando o outro atravessa períodos ruins, torna-se difícil, afasta-se, decepciona ou toma decisões que não compreendemos. É justamente nesses momentos que a linguagem familiar adquire profundidade.

Um pai pode discordar profundamente do filho sem deixar de reconhecê-lo como filho. Um irmão pode zangar-se com o irmão sem apagar a história que os une. Da mesma forma, uma comunidade espiritual madura deveria possuir essa mesma capacidade e isso não significa tolerar abusos ou permitir comportamentos destrutivos indefinidamente. Algumas situações exigem afastamento, disciplina e limites claros; mas existe diferença entre estabelecer um limite e abandonar emocionalmente alguém ao primeiro conflito. Quem já acompanhou pessoas durante muitos anos sabe como as trajetórias espirituais podem ser irregulares. Há gente que chega cheia de entusiasmo e depois desaparece; há aqueles que passam por crises, retornam, amadurecem e tornam-se pessoas completamente diferentes.

Existem membros que decepcionam profundamente e outros que surpreendem positivamente quando quase ninguém esperava mais nada deles. Uma comunidade construída somente sobre desempenho rapidamente se desfaz. Uma família aprende também a atravessar imperfeições e é por isso que eu não tenho aversão em utilizar a palavra filhos quando penso nas pessoas que acompanhei espiritualmente. Utilizo essa palavra porque a consagração estabelece responsabilidade. Se coloquei minhas mãos sobre alguém durante um rito, se participei de sua formação, se lhe ensinei aquilo que recebi de outros e se apresentei diante dos deuses aquela pessoa como integrante de nossa comunidade, seria contraditório imaginar que, concluído o ritual, minha obrigação terminasse.

Consagrar alguém significa também comprometer-se com sua caminhada. Significa perguntar quando desaparece e perceber quando não está bem; significa ficar contente quando consegue superar uma dificuldade, corrigir quando necessário, celebrar suas conquistas, ouvir aquilo que talvez não conte a mais ninguém e, algumas vezes, simplesmente permanecer disponível.

Não existe nisso qualquer idealização, até porque sacerdotes são pessoas limitadas que podem errar na orientação, interpretar mal uma situação, estar cansados, atravessar seus próprios problemas ou simplesmente não conseguir oferecer tudo aquilo que alguém necessita. A paternidade espiritual não transforma sacerdote em ser onisciente e é justamente o reconhecimento dessas limitações que torna o vínculo mais verdadeiro; afinal, pais reais também são imperfeitos.

A diferença está no compromisso de continuar tentando e, na Vila Pagã, essa compreensão possui ainda outra dimensão. Não pretendemos construir apenas um lugar onde pessoas se encontram ocasionalmente para realizar ritos. A proposta comunitária pressupõe vínculos, pois quem trabalha junto, planta junto, celebra junto, cozinha para os outros, prepara altares, organiza festas, enfrenta dificuldades financeiras, limpa espaços depois das celebrações e se reúne novamente no mês seguinte, de forma que acaba compartilhando muito mais do que uma religião, compartilha uma vida. É assim que os conceitos de irmão, irmã, pai e mãe espirituais deixam de ser simples metáforas.

Eles passam a descrever relações. Acredito que uma das funções mais importantes de uma tradição religiosa em uma sociedade marcada pela fragmentação seja justamente reaprender a criar vínculos. Vivemos um tempo em que muitas pessoas conseguem acumular centenas de contatos e, ainda sentem-se profundamente sozinhas.

Comunidades religiosas não deveriam explorar essa carência, mas também não precisam fingir que relações profundas são perigosas por definição.

Existem vínculos que aprisionam e também vínculos que sustentam. A família espiritual que buscamos construir no Círculo Piaga deve pertencer ao segundo tipo.

Quando dizemos que os consagrados são irmãos, assumimos que nenhum deles deveria ser tratado simplesmente como número, cliente, seguidor ou mão de obra para eventos. Quando reconhecemos alguém como filho ou filha espiritual, assumimos a obrigação moral de oferecer presença e formação dentro das possibilidades humanas que possuímos. E quando alguém reconhece outra pessoa como pai ou mãe de caminho, isso não deveria significar submissão infantil, mas gratidão por quem participou de sua formação.

Há ainda uma última responsabilidade: todo filho espiritual pode, um dia, tornar-se também pai ou mãe de alguém.

É assim que uma tradição continua, de modo que o conhecimento recebido não existe para permanecer concentrado em poucas pessoas. Quem foi acolhido aprende a acolher; quem foi ensinado passa a ensinar; quem recebeu paciência precisa aprender a exercê-la e quem encontrou um lugar quando estava perdido pode um dia tornar-se referência para alguém que também chegou sem saber para onde seguir. Nesse sentido, a paternidade sacerdotal não é um privilégio de autoridade, mas uma cadeia de transmissão. Somos filhos daqueles que vieram antes de nós e responsáveis por aqueles que chegarão depois.

Possivelmente esta é a melhor definição da paternidade no sacerdócio piaga: não possuir alguém, mas participar de sua formação; não criar dependentes, mas preparar continuadores; não exigir que sejam nossas cópias, mas ajudá-los a encontrar a melhor expressão de sua própria vocação.

Se conseguimos fazer isso, então as palavras pai, mãe, irmão e irmã deixam de ser meros tratamentos religiosos e tornam-se aquilo que realmente deveriam significar: compromisso. Sangue pode criar parentes, mas é o cuidado que constrói uma família.

O QUE UM PAI DEIXA PARA UM FILHO?

Paternidade, exemplo e a herança que não cabe em um testamento

Quando pensamos em herança, quase sempre lembramos de bens, propriedades, dinheiro ou objetos que podem ser registrados e repartidos. Mas existe uma herança muito mais profunda, impossível de medir em cartório: aquilo que um pai deixa impresso na maneira como o filho aprende a enxergar e enfrentar a vida.

Nem sempre lembramos de todos os conselhos que recebemos e algumas palavras só ganham sentido anos depois. Mas existe uma aprendizagem silenciosa que acontece diariamente, quando um filho observa como o pai enfrenta dificuldades, trata as pessoas, cumpre sua palavra, trabalha, reage diante de uma perda, reconhece os próprios erros e lida com suas limitações. Por isso, costumo pensar que um filho talvez esqueça muitos conselhos do pai, mas dificilmente deixa de aprender com a maneira como o viu viver.

O pai ensina até quando não pretende ensinar e sua autoridade mais duradoura não nasce apenas das ordens que dá, mas da coerência entre aquilo que diz e aquilo que faz. Durante muito tempo, nossa sociedade associou o bom pai principalmente à provisão material. Sustentar a casa continua sendo importante, mas é pouco para definir a paternidade. Há homens capazes de oferecer conforto e, ainda assim, permanecer ausentes da formação emocional dos filhos; outros possuem poucos recursos, mas deixam patrimônios imensos ao ensinar coragem, dignidade, responsabilidade, respeito e perseverança.

Um pai pode não deixar uma grande propriedade, mas ensinar um ofício; pode não deixar dinheiro, mas ensinar a trabalhar; pode não oferecer respostas para todas as dificuldades, mas ensinar a não fugir delas. Pode transmitir o valor da palavra dada, da hospitalidade, do compromisso com a comunidade e da responsabilidade pelas próprias escolhas. Tudo isso também é patrimônio.

É justamente nesse ponto que precisamos **distinguir paternidade de paternalismo**. Amar não significa retirar todas as pedras do caminho e uma das tarefas mais difíceis de um pai é compreender que existem experiências que não podem ser vividas no lugar do filho.

Podemos orientar, alertar e proteger até certo ponto, mas chega o momento em que cada pessoa precisa escolher e também aprender com seus erros.

O paternalismo surge quando o cuidado impede o crescimento: quando o pai resolve tudo, decide tudo e evita continuamente que o filho enfrente as consequências das próprias escolhas. Muitas vezes isso nasce do amor, mas pode produzir dependência. Há uma diferença enorme entre oferecer abrigo e construir uma prisão confortável. O bom pai precisa entender que o verdadeiro cuidado deve preparar os filhos para a autonomia.

Quando uma criança aprende a caminhar, primeiro seguramos suas mãos; depois soltamos uma delas, permanecemos próximos e, finalmente, permitimos que caminhe sozinha. A paternidade possui algo dessa imagem: o pai começa sendo uma mão que conduz e, pouco a pouco, precisa transformar-se em uma presença que acompanha, e isso não significa abandonar. Mesmo adultos, continuamos carregando dentro de nós as referências daqueles que nos formaram. Diante de uma decisão difícil, muitas vezes lembramos de como nosso pai reagiria ou de qual caminho consideraria mais digno. Ele já não precisa decidir por nós; tornou-se uma referência interior.

No contexto piaga, gosto de ampliar essa reflexão pela ideia de ancestralidade e continuidade entre gerações. Ninguém começa inteiramente em si mesmo; dos que vieram antes recebemos muito mais do que sangue e sobrenome. Herdamos histórias, gestos, maneiras de trabalhar, preparar alimentos, cuidar da terra, receber visitantes, rezar, ensinar um ofício e compreender o mundo. Herdamos virtudes e também defeitos. Algumas dessas heranças merecem ser preservadas; outras precisam ser transformadas. Honrar os antepassados não significa repetir seus erros, mas reconhecer que nossa história começou antes de nós.

O pai ocupa um lugar especial nessa corrente. Ele recebe algo daqueles que o antecederam, transforma essa herança pela própria experiência e a entrega novamente aos que vêm depois. Muitas vezes encontramos nossos pais dentro de nós justamente nos pequenos gestos que repetimos sem perceber. Os grandes discursos podem desaparecer da memória; os gestos, curiosamente, permanecem.

Também considero fundamental que um pai saiba reconhecer suas próprias falhas. Durante muito tempo criou-se a imagem de uma autoridade paterna incapaz de demonstrar dúvida ou fragilidade. Mas um pai que consegue dizer “eu errei” ensina responsabilidade; aquele que pede desculpas mostra que autoridade não significa orgulho; quem muda de opinião diante de novos fatos ensina maturidade; e quem respeita os limites do filho demonstra que amor não é posse. Essa educação acontece muito mais pelo exemplo do que pela teoria.

Naturalmente, nenhuma paternidade é perfeita. Há ausências, conflitos e histórias difíceis. Nem todos receberam de seus pais aquilo de que necessitavam. Alguns encontraram referências paternas nos avôs, tios, padrastos, professores, sacerdotes, amigos ou em pessoas que simplesmente escolheram orientar e cuidar. Isso nos lembra que a paternidade não se limita à biologia. Gerar um filho é um acontecimento; tornar-se pai é um processo. É possível transmitir sangue sem transmitir presença, assim como é possível transmitir conhecimento, proteção e exemplo sem qualquer vínculo biológico.

Mesmo adultos, continuamos carregando dentro de nós as referências daqueles que nos formaram.

Na visão piaga, essa responsabilidade também se estende à comunidade e ao futuro. Aquilo que recebemos precisa encontrar um caminho até aqueles que virão depois. Se herdamos conhecimento, devemos transmiti-lo; se recebemos uma terra, devemos procurar entregá-la em melhores condições; se aprendemos um ofício, podemos ensiná-lo; se nossos antepassados preservaram histórias, cabe a nós contá-las novamente.

Então, o que um pai deixa para um filho? Alguns deixam propriedades, livros, ferramentas ou objetos cheios de memória. Mas todos deixam alguma coisa: maneiras de amar, exemplos de coragem ou de medo, lembranças de presença ou ausência, palavras que acompanharão os filhos por décadas e atitudes que poderão ser repetidas; ou ainda servir de inspiração para que a nova geração escolha fazer diferente. No fim, a maior herança paterna é construída enquanto ainda estamos vivos. O que permanece não é apenas aquilo que um pai conseguiu acumular, mas aquilo que conseguiu transmitir.

Os bens materiais podem desaparecer, propriedades podem mudar de mãos e objetos podem se perder com o tempo, mas um bom exemplo pode atravessar gerações.

Folclore é conhecimento que vem do povo

Entre memória, pesquisa e tradição, por que precisamos valorizar — e não desqualificar — uma das mais importantes áreas de estudo da cultura popular

Todos os anos, em 22 de agosto, o folclore costuma aparecer nas escolas por meio de sacis, curupiras, iaras e outras figuras conhecidas. Nada há de errado nisso, mas o problema começa quando reduzimos o tema a histórias infantis e esquecemos sua dimensão histórica, social, acadêmica e religiosa. Para mim, falar de folclore é falar de conhecimento: aquilo que o povo sabe, pratica, transmite e transforma ao longo do tempo.

A própria palavra ajuda a entender isso. O termo **folk-lore** foi proposto pelo britânico William John Thoms, em 22 de agosto de 1846, unindo *folk*, povo, e *lore*, saber. Em sua origem, portanto, folclore significa "saber do povo", e não mentira, fantasia ou conhecimento inferior. Hoje, os estudos folclóricos dialogam com áreas como antropologia, história, literatura, etnomusicologia, educação, patrimônio cultural e estudos da religião, abrangendo cantos, danças, lendas, artesanato, costumes, crenças, festas, rezas, alimentação, medicina tradicional e muitas outras formas de conhecimento popular.

O trabalho do folclorista não é apenas registrar uma história, mas compreender quem a conta, onde, desde quando, em que contexto, quais versões existem e como ela se transforma.

Aquilo que alguém considera apenas uma "lenda" pode revelar aspectos profundos da memória, da religiosidade, da linguagem e da identidade de uma comunidade.

O Brasil possui uma tradição rica nesse campo. **Luís da Câmara Cascudo** investigou mitos, costumes, alimentação e literatura oral. **Mário de Andrade** idealizou a Missão de Pesquisas Folclóricas, em 1938, registrando músicas, danças e manifestações culturais no Norte e Nordeste. **Inezita Barroso** dedicou-se à música caipira e às tradições populares; **Alexina de Magalhães Pinto** reuniu cantigas, histórias e brincadeiras; **Cecília Meireles** participou ativamente dos estudos de cultura popular e educação. No Piauí, **Fontes Ibiapina** registrou modos de falar, costumes, crenças e expressões do sertão. Também merecem destaque nomes como **Renato Almeida** e **Edison Carneiro**, importantes para a consolidação dos estudos folclóricos no país, além de **Franklin Cascaes**, artista, pesquisador e folclorista catarinense que registrou com enorme riqueza visual e narrativa as lendas, crenças, bruxas, criaturas fantásticas e costumes das comunidades tradicionais da Ilha de Santa Catarina.

É dentro dessa continuidade que reconheço, com orgulho e responsabilidade, meu próprio trabalho como folclorista. Ao pesquisar encantados, mitos, práticas mágicas, religiosidade popular, plantas e tradições piauienses, procuro compreender suas fontes, versões e transformações. Esse olhar também orienta minhas pesquisas sobre o Paganismo Brasileiro e o trabalho do Círculo Piaga. Antes de qualquer interpretação religiosa contemporânea, há um esforço de pesquisa, comparação de registros e distinção entre aquilo que é tradição documentada e aquilo que constitui elaboração teológica atual.

Nos últimos anos, tornou-se comum questionar o próprio termo “folclore”. Existe, de fato, um problema quando alguém o utiliza de maneira pejorativa, chamando a religião ou a cultura de outra pessoa de “folclore” para insinuar que seja falsa, atrasada ou inferior. Nesse caso, a crítica é legítima; mas o problema não está no folclore enquanto campo de conhecimento, está no uso preconceituoso da palavra. studar uma religião pelo folclore não significa negar sua fé.

Um pesquisador pode analisar uma procissão católica, um ritual de Orixá, uma narrativa indígena ou a crença em encantados sem julgar se essas entidades existem ou não. Folclore não é um veredito sobre a verdade religiosa; é uma maneira de compreender como saberes, crenças e práticas circulam entre pessoas e comunidades. Também é preciso lembrar que conhecimento tradicional e conhecimento científico não são a mesma coisa, mas isso não torna o primeiro menos importante.

O que uma rezadeira aprendeu sobre plantas, o que um agricultor sabe sobre a terra ou o que um artesão recebeu de seu mestre pode possuir enorme valor histórico e cultural. Cabe ao pesquisador registrar, comparar e contextualizar com responsabilidade.

O folclore não pertence somente ao passado, pois enquanto houver povo, haverá folclore. Novas histórias surgem, costumes se transformam, festas incorporam elementos e até o ambiente digital produz formas contemporâneas de transmissão coletiva. Por isso, neste 22 de agosto, mais importante do que repetir personagens conhecidos é recuperar a dignidade da própria palavra. Folclore não é atraso, mentira ou inferioridade. É memória, conhecimento e tradição viva. Pesquisar folclore é escutar antes que a última voz se cale, registrar antes que a última cantiga seja esquecida e reconhecer que, muito antes de existir uma academia para estudar o povo, o povo já sabia.

Soldado 33: entre memória, proteção e mistério

No mês do Dia do Soldado, uma antiga experiência espiritual transforma-se em livro e preserva rezas, patuás e saberes da magia popular brasileira

Meu primeiro contato com o Soldado 33 aconteceu ainda na adolescência, quando cursava o ensino médio. Naquela época, eu não poderia imaginar que aquela presença continuaria atravessando minha trajetória por tantos anos. Desde então, fui reunindo relatos, anotações, referências e, sobretudo, minhas próprias experiências espirituais com essa figura ligada à proteção, ao livramento, à defesa diante dos perigos e à abertura de caminhos.

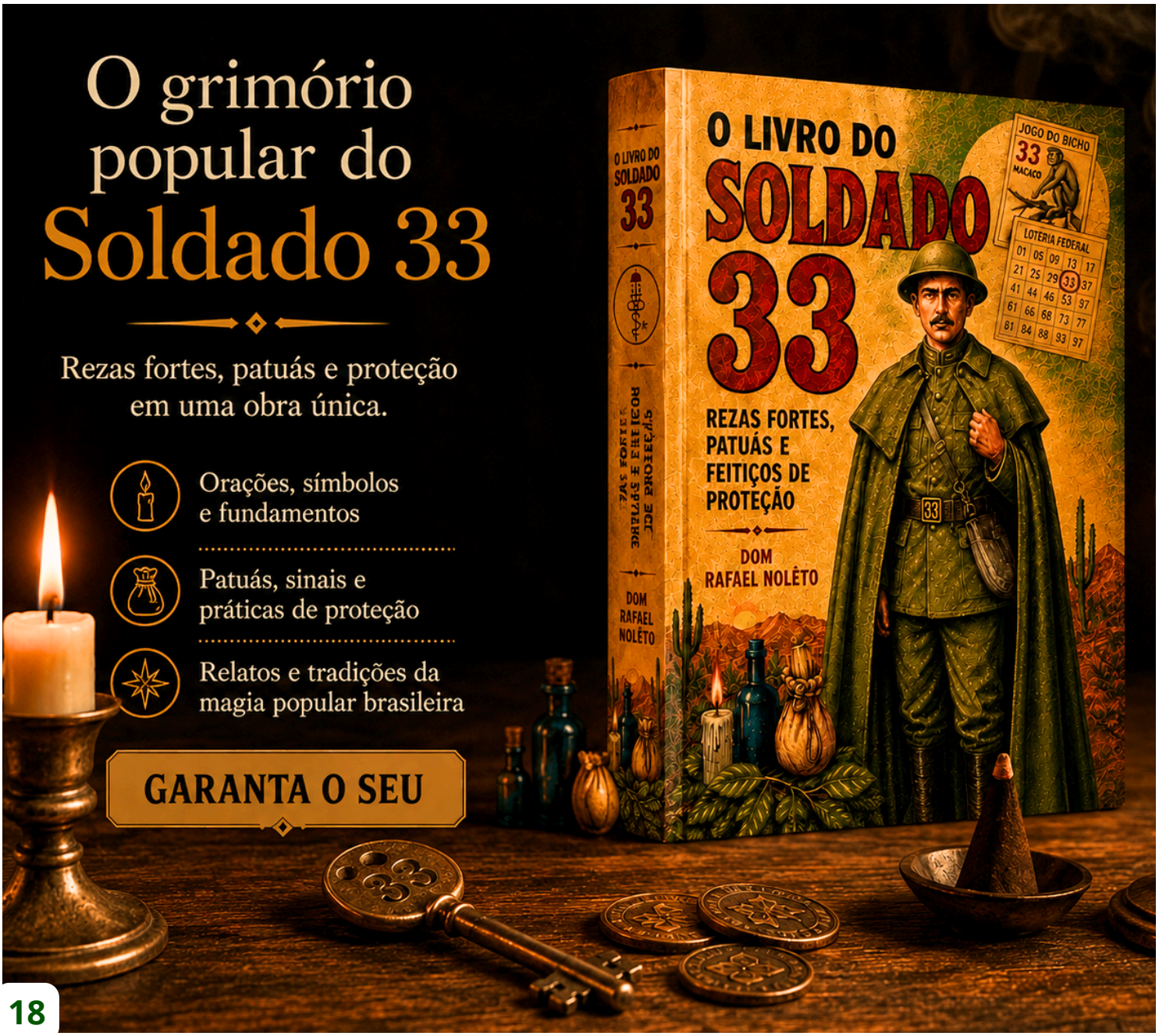
Agosto tornou-se um mês especialmente simbólico para o lançamento. Em 25 de agosto, o Brasil celebra o **Dia do Soldado**, e foi justamente nesse período que chegou aos leitores um livro dedicado a um soldado de outra natureza: uma presença situada naquele território tão brasileiro em que espiritualidade, tradição oral e magia popular caminham juntas. Durante muitos anos, entretanto, não tive pressa de transformar minhas experiências em publicação. O Soldado 33 permaneceu como presença, devoção e objeto de investigação até que senti que havia chegado o momento e, principalmente, que eu tinha autorização para escrever. Embora seja responsável pela pesquisa, organização e redação, considero esta uma obra também marcada pela experiência mediúnica.

Posso dizer que ela foi em parte psicografada ou espiritualmente inspirada, pois algumas orações surgiram durante momentos de conexão com o próprio Soldado 33. Outras, porém, foram recolhidas de grimórios antigos, cadernos, anotações e tradições da magia popular. Há ainda fórmulas tradicionais que adaptei ao contexto politeísta, preservando sua estrutura e reconhecendo com transparência quando se trata de uma releitura contemporânea. Afinal, a magia brasileira sempre foi construída por encontros entre elementos indígenas, africanos, europeus, católicos populares, benzimentos, encantaria e saberes transmitidos de geração em geração.

O Soldado 33 é uma entidade pouco documentada, e muitas informações sobre ele aparecem de forma fragmentada. Por isso, preferi não fabricar uma biografia fechada, mas reunir o que encontrei, ouvi e vivi. Sua imagem está fortemente associada à guarda: o soldado é aquele que vigia e enfrenta aquilo que ameaça. No livro, o número 33 aparece relacionado a ciclos de oração e práticas voltadas à proteção da casa, justiça, defesa contra perseguições, abertura de caminhos, sonhos, sorte e fortalecimento diante das adversidades.

Proteção, entretanto, não deve significar viver dominado pelo medo. Tal como experimento sua presença, o Soldado 33 não é uma entidade destinada a alimentar paranoia, mas a transmitir firmeza. Sua simbologia está relacionada à disciplina, à coragem, à vigilância e à capacidade de permanecer de pé diante das dificuldades. A edição lançada em 2026 possui 333 páginas, número escolhido em referência à própria simbologia do Soldado 33, e reúne orações, patuás, práticas de proteção, tradição oral, pesquisa e experiência espiritual.

Considero o livro o registro de uma relação que começou silenciosamente em minha juventude e atravessou diferentes fases de minha vida. No mês em que o Brasil homenageia seus soldados, achei significativo apresentar ao público este outro Soldado, conhecido pelo território discreto das rezas, patuás e pedidos de proteção. O Livro do Soldado 33 pode ser encontrado no Clube de Autores, Amazon, Estante Virtual e outras livrarias virtuais. Depois de tantos anos entre minhas anotações e experiências pessoais, essa história finalmente ganhou páginas e pode agora encontrar também seus leitores.



Mani: da terra nasce a vida

O mito da menina que se transforma em alimento e permanece entre nós na mandioca, símbolo de fartura, cura e continuidade

Poucos alimentos estão tão ligados à história dos povos do Brasil quanto a mandioca. Presente na alimentação indígena muito antes da chegada dos europeus, atravessou séculos e tornou-se parte da mesa brasileira. Para além do alimento, a mandioca carrega dimensão sagrada, preservada em narrativas que associam sustento, memória e divindade.

Entre elas está o mito de Mani, também chamada de Mandi. Conta-se que, em uma aldeia tupi, nasceu uma menina de pele muito clara e cabelos loiros. Alegre e querida, Mani morreu e seu corpo foi enterrado na oca onde depois surgiu uma planta desconhecida. Ao cavarem a terra, encontraram raízes marrons por fora e brancas por dentro. Segundo a tradição popular, daí teria vindo a associação entre Mani e oca, a "casa de Mani": mandioca.

O que mais me chama atenção nesse mito é a transformação, pois Mani não desaparece com a morte: seu corpo retorna à terra e dali nasce alimento. Aquilo que parecia o fim converte-se em sustento para a comunidade.

Entre os Parecis existe uma narrativa relacionada a Aitolô, filha de Zutimáre e Kokoterô. Nela, a menina pede para ser enterrada viva para servir à aldeia. De seu túmulo nasce a planta Ojakôrê, depois associada ao nome Ketê.

As versões são diferentes, mas compartilham a imagem da jovem cuja entrega se transforma em fartura. No Piaganismo, Mani ocupa lugar especial. Em nosso culto contemporâneo, é honrada como filha de Guaraci, o Sol, e Jaci, a Lua, tornando-se divindade das colheitas, da fartura, da saúde e da força vital. Sua presença recorda que o alimento não é banal: antes de chegar à mesa, passou pela terra, chuva, luz, pelo trabalho e pela espera.

Por isso, Mani é honrada na Celebração dos Grãos e da Palha, no início de agosto. Em seu altar podem ser oferecidas velas, beiju e macaxeira cozida, devolvendo à divindade parte daquilo que recebemos.

Seu mito também fala dos ciclos naturais: a semente desaparece sob a terra para germinar e a vida retorna ao movimento da existência. Toda vez que a mandioca é colhida e repartida, algo dessa narrativa volta a ser contado. Mani permanece na farinha, no beiju, na macaxeira e no alimento partilhado em nossas celebrações. Uma menina tornou-se raiz; a raiz tornou-se alimento; e o alimento tornou-se memória. É assim que algumas divindades continuam vivas: nos altares e naquilo que plantamos, colhemos e repartimos.

Aweté Mani